



Apresentação do Dossiê ***Sócrates, Eurípidés, Aristófanes e Nietzsche*** **– diálogos interdisciplinares sob os auspícios de Dioniso**

Daniela Brinati Furtado

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
danibrinati.f@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8394-6093>

Maria Cecília de Miranda N. Coelho

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
ceciliamiranda@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0001-7458-5759>

A Marcelo Pimenta Marques

(in memoriam)

e Jacyntho Lins Brandão

Introdução

Este número temático da Revista *Nuntius Antiquus* está relacionado ao *VIII Simpósio Internacional de Estudos Antigos: Sócrates, Eurípidés, Aristófanes e Nietzsche – diálogos interdisciplinares sob os auspícios de Dioniso*, realizado em fevereiro de 2022, na modalidade *on-line*. O simpósio é uma atividade bienal da Linha de Filosofia Antiga e Medieval do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG. A cada dois anos, um dos professores pertencentes ao Grupo de Pesquisa em Filosofia Antiga, que faz parte dessa linha de pesquisa, é encarregado de promover o encontro e, por meio dele, enfatizar temas importantes relativos às suas investigações. A organização desta edição – que deveria, pela periodicidade, ter ocorrido em 2021, não fossem a pandemia e a alteração do semestre letivo na UFMG – coube à professora Maria Cecília Coelho, uma das editoras deste dossiê. O simpósio contou com 23 palestras, distribuídas em nove sessões coordenadas, cada uma das quais tendo como moderador um respondente.¹ Do total de palestrantes,

¹ Todas elas podem ser vistas no canal do Youtube, vinculado ao *website* do simpósio: <https://www.fafich.ufmg.br/simposiofiloantiga8/>.

11 puderam preparar seus artigos (os outros não conseguiram fazê-lo por várias razões, entre elas, injunções do calendário sobrecarregado da vida acadêmica, comprometimento com outras publicações etc.), e um dos autores, embora não tenha estado presente, foi incluído pela pertinência do tema. O motivo pelo qual resolvemos publicar textos apresentados e disponibilizados em gravações foi eles não serem, em sua maioria, exatamente os mesmos – foram significativamente ampliados e alterados, também em decorrência dos debates e das sugestões ocorridos.

O tema escolhido contempla aproximações complexas e inclui dois filósofos, um da Antiguidade Clássica, outro da contemporaneidade, dois dramaturgos, um tragediógrafo, um comediógrafo e Dioniso, divindade do panteão grego. Se o risco de tratar de todos eles em conjunto era grande, ainda que isso fosse realizado por meio da cooperação de vários especialistas nesses destacados nomes da história intelectual (Sócrates, Aristófanes, Eurípides e Nietzsche) e da mitologia (Dioniso), a importância e necessidade, a nosso ver, de indicar as conexões entre eles, envolvendo, ainda, os problemas metodológicos de analisar textos hoje separados em áreas como Filosofia, Literatura, História e Arqueologia, pareceu mais premente. Antes de indicar essas conexões, é necessário dizer que o simpósio teve, ainda, a intenção de dar visibilidade aos estudos socráticos, promovidos pela então recém-fundada *International Society for Socratic Studies* (ISSS) – Buenos Aires, novembro de 2018 –, para a qual a organizadora deste encontro, professora Maria Cecília Coelho, foi indicada como representante da América Latina, função que exerceu entre 2018 e 2022. Nesse contexto, o simpósio contou, em sua abertura, com o presidente efetivo da ISSS, Donald Morrison, e a presidente fundadora, Claudia Mársico, e, no encerramento, com o presidente de honra, Livio Rossetti, bem como, em várias sessões, com outros membros da referida sociedade, a saber, David Konstan, Stefania Giombini e Alessandro Stavru. Aquele foi um momento oportuno para ampliar e aprofundar relações institucionais, mas, principalmente, para incluir especialistas renomados na filosofia socrática e sua recepção em um debate mais amplo sobre as conexões entre filosofia, literatura e história das ideias.

Sobre os pensadores reunidos e estudados, sob os auspícios de Dioniso, façamos algumas considerações. Quanto a Dioniso, sua

presença se deve à importância dessa divindade para a Filosofia (antiga e contemporânea), sobretudo a partir de sua representação nas *Bacantes* e da leitura nietzschiana dessa peça na influente obra *O nascimento da tragédia* (lançada, em sua primeira versão, com o título *O nascimento da tragédia a partir do espírito da música*, em 1872, e, portanto, tendo completado, no ano da realização do Simpósio, 150 anos). A interpretação do dionisismo, estabelecida por Friedrich Nietzsche, seguindo, em parte, os irmãos August e Friedrich Schlegel, que, por sua vez, partiram da comédia aristofânica, em particular *As rãs*, para defender uma alegada inferioridade de Eurípidés em relação a Sófocles e Ésquilo, é um tema importante da história da recepção de Eurípidés, de sua associação com a retórica e com Sócrates, e traz um exemplo significativo das imbricações entre as histórias da Filosofia, da Literatura e da Retórica.² O impacto da visão de Nietzsche, ao alegar que a decadência da tragédia euripídica se deu pela má influência do racionalismo de Sócrates, é apenas um dos aspectos a ser discutido na (re)construção da figura do filósofo, mais próximo do sofista retratado por Aristófanes nas *Nuvens*. Desnecessário, aqui, enfatizar a importância de analisarmos as ligações entre esses autores antigos, da perspectiva

² Sobre o tema, veja COELHO, M. C. M. N. O princípio – trágico! – do terceiro excluído: Eurípidés, entre a retórica e a filosofia. In: BOCAJUVA, I. (Ed.). *Filosofia e arte na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Hexis/Nau, 2013. p. 115-13, em capítulo alinhado com as visões de Behler, E. A. W. Schlegel and the Nineteenth-Century *Damnatio* of Euripides. *GRBS*, v. 27, n. iv, p. 335-367, 1986, e de Henrichs, A. The Last of Detractors: Friedrich Nietzsche Condemnation of Euripides. *GRBS*, v. 27, n. iv, p. 369-97, 1986. Oportuno citar, ainda, a leitura perspicaz de Johanna Hanink das cartas pseudo-euripídicas (Hanink, J. The Life of the Author in the Letters of “Euripides”. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, v. 50, p. 537-564, 2010), na qual ela mostra como, nessa correspondência, cujo valor não deve ser descartado pelo fato de serem as cartas apócrifas, o “eu” euripídico, ao negar sua associação em razão de vantagens pessoais com o tirano Arquelaus da Macedônia (criticada por Platão, na *República*, 568b-c), faz com que sua atuação se assemelhe à de Isócrates com Nicocles de Cíprus, ou à do próprio Platão com Dionísio de Siracusa; ou seja, o autor das cartas, na esteira de Simon, personagem de Luciano de Samósata, no *Parasitas* (31-35), mas com motivações diferentes, agrupa Eurípidés com os filósofos que dão conselhos aos reis e governantes, um *topos* epistolar na antiguidade, que insere Eurípidés em outro grupo que não o dos poetas, conforme Hanink aponta (p. 556).

nietzschiana (na esteira de Diógenes Laércio, *Vida dos filósofos ilustres*, 2.18), como meio, também, de balizar outras imagens, a saber, as de Platão ou Xenofonte. Naturalmente, para compreender de que modo, na história da Filosofia e Literatura gregas, tais autores aparecem imbricados, cumprir trazer todos eles em diálogo, considerando, ainda, estudos mais recentes sobre oratória e retórica gregas.³

Destarte, neste dossiê, alguns aspectos do pensamento de Sócrates serão revisitados à luz, naturalmente, de releituras da Filosofia Antiga, a partir de novas interpretações, feitas nas últimas décadas, do movimento sofista e da tragédia euripídiana. Como se sabe, a partir de Platão, a ênfase na demarcação entre Sócrates e os sofistas é notória.⁴ Nietzsche não apenas problematiza essa demarcação, mas, para introduzi-la, lança mão da imagem de um Dioniso que vem, principalmente, com *As Bacantes*.⁵ Textos de arqueólogos e

³ No contexto da crítica de Platão à mimese e aos poetas e sofistas, Marie-Pierre Noël observa bem como a concepção do *logos* sofisticado no *Sofista* de Platão, mesmo que não o cite, é devedora das ideias de Górgias, mostrando a conexão estreita entre o que hoje demarcamos como oratória e literatura, de um lado, e filosofia, de outro (ver p. 37-38 de Noël, M-P. *Peithô e Pathos em Górgias*. In: COELHO, M. C. M. N. [Org.]. *Retórica, persuasão e emoções: ensaios filosóficos e literários*. Belo Horizonte: Relicário, 2018. p. 19-40). É oportuno lembrar que esse livro é também fruto de um de nossos simpósios, o IV Simpósio Internacional, intitulado *ῥητορική, πάθη, πειθώ – Diálogos Entre Literatura e Filosofia Gregas*. Sobre o livro, que está esgotado, pode-se saber mais por meio da análise de Stefania Giombini, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cD6ieG7at6M>>; sobre o tema da relação entre filosofia e literatura, remetemos, também, ao artigo de Daniela Brinati (BRINATI, D. F. It's not a matter of being. In: TURNER, A. [Ed.]. *Parmenides, Plato, and the Crisis of Sophistry*. Berlin: De Gruyter, 2024 [forthcoming]), em que o *Tratado do não ser*, de Górgias, é analisado a partir da tradição poético-filosófica ligada a Parmênides.

⁴ Um dos conceitos-chave para estabelecer essa distinção é o uso de probabilidades, questão sobre a qual sugerimos o perspicaz artigo que trata do tema por meio de uma visada não derogatória da retórica: KRAUS, M. Arguing from Probabilities: Δόξα and Εἰκός in Ancient Philosophy and Rhetoric. In: LIMA, M. H.; Coelho, M. C. M. N. (Ed.). *Percursos retóricos: entre Antigos e Contemporâneos*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 75-106.

⁵ Sobre o tema, sugerimos a apresentação de Marco Antonio Santamaría, *Dioniso en las Ranas o la salvación de Atenas a través del teatro*, gravada e disponibilizada no site do Simpósio, informado no início desta apresentação.

historiadores ajudam-nos a rever a interpretação de Nietzsche, como os de Fábio Vergara e Miriam Valdés Guía, iluminando, ainda, novas propostas tradutórias, tema do artigo de Rafael Brunhara.

Por outro lado, mas ainda conectado ao tema da tragédia, em parte por uma herança platônica,⁶ conceitos-chave como racionalidade (e irracionalidade), moralidade e experiência emocional são, a nosso ver, necessários para a compreensão da(s) imagem(ns) de Sócrates, fazendo-nos conhecer melhor um dos grandes nomes e modelos de filósofo (na Antiguidade e na sua recepção na contemporaneidade), chamando a atenção para aproximações que esta herança demarcatória, quando aceita acriticamente, oblitera.⁷ Para tanto, analisar a sua conexão com esses outros pensadores (Aristófanes⁸

⁶ Sobre o tema, veja COELHO, M. C. M. N. “Es necesario secar (δέον ἀγχεῖν) las emociones (Rep. 606d)”. Desafios de/a Platón. *Circe, de clásicos y moderno*, v. 26, p. 75-91, 2022.

⁷ Oportuno lembrar, aqui, por exemplo, a discussão sobre o tema do intelectualismo socrático. Passagens da tragédia *Hipólito* (v. 373-390) e do diálogo *Protagoras* (353b-c2) indicam a interface entre filosofia e literatura. Sobre o tema, veja Di Benedetto, V. *Eurípide: teatro e società*. Torino: Einaudi, 1971 (p. 5-23), que dialoga com a famosa abordagem de Snell (Snell, B. Das früheste Zeugnis über Sokrates. *Philologus*, v. XCVII, p. 125-134, 1948), para quem a teoria do intelectualismo ético é atestada pela primeira vez no *Hipólito*. Para Julia Annas, em palestra em novembro de 2021, em um dos Colóquios da ISSS, o intelectualismo não pode ser atribuído nem a Sócrates nem a Protágoras (veja, aqui, aos 57 minutos: <<https://www.youtube.com/watch?v=3KDG7UAVI3U>>) no diálogo homônimo. Aceitando essa interpretação, podemos supor que talvez fosse a Eurípides que Platão estivesse se referindo, o que indicaria, também, que o tratamento do problema não é exclusividade da reflexão filosófica.

⁸ Seja pela presença do dramaturgo no *Banquete* ou na *Apologia*, de Platão, seja pela presença de Sócrates em *As Nuvens*, a conexão entre ambos é tema que requer estudo atento e cuidadoso. Oportuno sugerir, aqui, a palestra de Adriane Duarte (acessível pelo site do simpósio, informado acima) em que são analisados a cena final do *Banquete* e o escólio na *Apologia de Sócrates*, de Platão (em 19c). Vale a pena destacar dois pontos que mostram a estreita interação entre o teatro e a filosofia. Adriane traz a questão final do *Banquete* – a dúvida sobre a capacidade de um mesmo autor compor tragédia e comédia – e, da *Apologia*, examina um intrigante comentário do escoliasta. No momento em que é tratada no texto a influência de Aristófanes sobre os atenienses que condenaram Sócrates, no escólio encontramos uma referência não ao comediógrafo, mas a Eurípides, em uma triangulação, podemos dizer, assaz curiosa, reforçada pelo fragmento (342KH) do poeta Cratino que aproximou, por meio do termo *euripidaristofanizante* (Εὐρίπιδαριστοφανίζειν), os dois dramaturgos. Por outro lado,

e Eurípides⁹), também à luz de Nietzsche,¹⁰ é de suma importância. É sempre oportuno lembrar as palavras presentes na contracapa do *The Cambridge Companion to Socrates*, editado por Donald Morrison (Cambridge University Press, 2009): “Because Socrates himself wrote nothing, our evidence comes from the writings of his friends (above all Plato), his enemies, and later writers. Socrates is thus a literary figure as well as a historical person”. Essa situação também coloca Sócrates no mesmo patamar de um Hipólito ou Palamedes – ainda que ele tenha existido, não como figura mítica, como esses outros dois personagens. Todos perderam a vida de maneira indigna, devido a acusações infundadas e injustas, mas, por outro lado, adquiriram estatuto de dignidade heroica.¹¹

Cratino argumenta que Aristófanes, ao atacar Eurípides (por meio, principalmente, da imitação do estilo do tragediógrafo), atacava Sócrates. Se, por um lado, essa era uma estratégia do comediógrafo, por outro, ela reforça a visão de Eurípides como discípulo de Sócrates. Todas essas informações, brevemente fornecidas aqui, mostram a complexidade e riqueza das possíveis interações, retomadas, posteriormente, por Nietzsche e tão impactantes na fortuna crítica eurípidiana. Sobre o tema, remetemos, também, ao artigo de HUNZINGER, C. Aristophane, lecteur d’Euripide. In: *Le Théâtre grec antique: la comédie*. Actes du 10ème colloque de la Villa Kérylos à Beaulieu-sur-Mer les 1er & 2 octobre 1999. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 2000. (Cahiers de la Villa Kérylos, 10). p. 99-110.

⁹ Este dossiê traz uma perspectiva alinhada àquela de Andrea Rudighiero, em seu comentário (a partir de uma das obras de Pietro Pucci) sobre aspectos teológicos e filosóficos na dramaturgia de Eurípides. Sua leitura, balizada por um diálogo entre filosofia e teatro, tem como uma de suas conclusões uma afirmação instigante: “Euripide sembra in grado di recuperare l’intera tradizione che lo precede (la σοφία protagorea, il νοῦς anassagoreo, l’etere caro alla riflessione dei presocratici, e anche l’ateismo senofane)”. Veja Rudighiero, A. Euripide fra ‘tradizione’ e ‘rivoluzione’: un dibattito (ri)aperto. *AOFL*, v. 12, p. 91-109 [em especial p. 109], 2017.

¹⁰ Para uma apreciação mais recente do tema, veja Veja, SCHUR, D.; Yamato, L. Nietzsche’s Revaluation of Socrates. In: MOORE, C. *Brill’s Companion to the Reception of Socrates*. Leiden; Boston: Brill: 2019. p. 820-836.

¹¹ Sobre o tema, veja COELHO, M. C. M. N. Dispositivi dimostrativi utilizzati in tre modelli di difesa: Ippolito, Palamede e Socrate. In: DE LUISE, F.; STAVRU, A. (Ed.). *Socratica III: Studies on Socrates, the Socratics, and the Ancient Socratic Literature*. Sankt Augustin: Academia, 2013. p. 13-24.

Os textos deste dossiê – conteúdo e articulação

O primeiro grupo de três artigos é dedicado a Dioniso e sua conexão com as mulheres áticas, por meio da análise da figura da bacante e do menadismo; às representações do deus na iconografia e na Literatura (ao lado de Ariadne); e, por fim, à sua recepção no Brasil, por meio de um repertório de traduções (modalidade que pode ser incluída como uma das formas de recepção da Antiguidade). Compõem esse grupo os textos de Guía, “Los ritos dionisiacos de las mujeres áticas y las *Bacantes*”; de Vergara, “Agência musical de Dioniso e Ariadne na pintura dos vasos ápuos”; e de Brunhara, “A perna e a perda: história das traduções brasileiras d’*As Bacantes* de Eurípidés e apontamentos para uma nova tradução”.

No segundo grupo, temos os artigos de David Konstan, “Xenophon’s Subversive Socrates: A Reading of *Memorabilia* 4.1-4”, e de Andreas Serafim, “Accusing the accusers: Invective, identity, and ‘triangulated relations’ in Plato’s *Apology of Socrates*”, transitamos pelas imagens de Sócrates a partir de Xenofonte e Platão. No terceiro grupo, temos imagens de Eurípidés no *Banquete*, de Platão, com os estudos de Jovelina Ramos, intitulado “Eurípidés e/em Platão”, e de Sylvana Chrysakopoulou, “Euripide dans le *Banquet* de Platon”. As abordagens distintas do mesmo tema são bem-vindas em dois aspectos, pelo menos. Em primeiro lugar, por serem exemplos da fecundidade do famoso diálogo de Platão sobre o amor (em sua metamorfose de divindade grega à abstração filosófica de um desejo ascético pelo conhecimento, em particular, pela verdade); e, em segundo, por mostrar as metodologias de duas pesquisadoras que se formaram em tradições diferentes, o que é sempre instrutivo.

Em seguida, no quarto grupo, temos um artigo do jovem pesquisador Paulo Lima, que há poucos meses defendeu sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo (USP) sobre a extensa e complexa epopeia *Dionisiacas*, de Nono de Panópolis. Ao lado dele, temos o artigo de Edrisi Fernandes, que apresenta a proximidade entre as ideias de Sócrates e de Nasrudin, autor do mundo islâmico. Os artigos “Dioniso nas *Dionisiacas* de Nono de Panópolis”, de Lima, e “Nietzsche e Nasrudin, o ‘sábio tolo’ sufi: aproximações bem-humoradas”, de

Fernandes, podem ser lidos como reverberações das imagens de Dioniso e de Nasrudim, respectivamente, em contextos culturais bastante diversos daquele em que eles surgiram: do mundo pagão ao mundo cristão, no primeiro caso, e do Oriente Médio (medieval) ao do Ocidente europeu, no segundo. Ambas as leituras iluminam e qualificam nossa compreensão, por comparação, de seus objetos de estudo.

O último grupo, com o artigo de Rafael Silva, “Prolegômenos a Nietzsche: o lugar de Friedrich August Wolf na história dos Estudos Clássicos”, e o de Claudia Mársico, “Method and Transhistorical Dimension in Ancient Philosophy”, nos conduz a preocupações metodológicas da contemporaneidade. Embora esses artigos pudessem ter ficado no início do dossiê, dados o impacto que a leitura nietzschiana teve sobre as imagens de Sócrates e Dioniso, em particular nas *Bacantes*, no século XX, e a importância de clarificar os problemas na reflexão sobre modos de proceder no estudo da Filosofia Antiga, decidimos colocá-los ao final, por serem, a nosso ver, fontes para discussão sobre as práticas e justificativas teóricas, na condução dos estudos da Antiguidade. Isso é relevante na elaboração de currículos, em Letras e Filosofia, principalmente, com relação à escolha de referências bibliográficas, trazendo metadiscussões sobre essas áreas e outras correlatas para o primeiro plano e iluminando nossas escolhas – inevitáveis sempre, como afirma Rossetti, mas que devem também sempre ser justificadas pela exposição de nossas preferências e pontos de partida, filosóficos e políticos.¹²

Embora esse conjunto de artigos mostre uma variedade de abordagens e autores, indicando, ainda, diferentes caminhos para pesquisa futura, essa pluralidade poderia, também, ser unificada. Podemos dizer que, neste número temático, há uma reiterada reflexão sobre as imagens, não apenas aquelas que podem surgir a partir do texto antigo que é objeto de estudo, mas as inerentes ao próprio exercício de interpretação e compreensão desses textos (considerando, em particular, a capacidade de

¹² Veja ROSSETTI, L. *Introdução à filosofia antiga*. Tradução de Élcio Filho. São Paulo: Paulus, 2006, principalmente p. 29-40 e p. 209-228.

enargeia, do autor).¹³ Assim, com relação a Dioniso, o artigo de Miriam Valdés Guía é um exemplo de busca pela compreensão de vários aspectos da celebração ao filho de Sêmele comparando a imagem oferecida nas *Bacantes* com informações da iconografia e de outros textos correlatos; Fábio Vergara, por sua vez, apresenta-nos um exercício de busca pelas informações que as imagens de Dioniso podem nos fornecer a partir do seu processo de construção vinculadas às de Ariadne na iconografia encontrada na Magna Grécia; e Rafael Brunhara nos mostra como, no processo de tradução, estão presentes as imagens que o tradutor escolhe projetar sobre a edição crítica com a qual trabalha. Relativamente à apropriação de certas imagens em vista de uma pesquisa que pode ser inserida nos estudos de recepção, observamos no artigo de Paulo Henrique Oliveira de Lima uma investigação das *Dionisiacas* de Nono de Panópolis enquanto um exercício de apropriar-se da imagem de Dioniso, de modo a amalgamar, em um contexto cristão, elementos para uma nova epopeia; e, não muito distante disso, Edrisi Fernandes articula a imagem de Zarathustra e a de Nasrudin em um exercício de inquirir como a escolha da imagem do primeiro, por Nietzsche, teve um resultado que poderia ter sido outro, caso ele tivesse escolhido a imagem de Nasrudin em sua obra.

Passando a Sócrates, o artigo de David Konstan explora o fato de uma mesma imagem do filósofo ter sido caracterizada como positiva por Xenofonte e considerada negativa por seus concidadãos; Andreas Serafim também realiza a empresa de buscar por uma representação ambígua de Sócrates, mas na obra de Platão, de modo a apontar para o uso de elementos retóricos por parte desse Sócrates que critica a prática retórica, lançando mão, porém, de uma antirretórica, como diriam Rossetti e Hesk.¹⁴ Ainda sobre Platão, temos, nos artigos de Jovelina Ramos e Sylvana Chrysakopoulou, duas maneiras de analisar e interpretar a utilização da imagem de Dioniso no diálogo *O Banquete*,

¹³ Reverberam, aqui, sob certos aspectos, as reflexões sobre a produção de imagens – plásticas, visuais, psíquicas e verbais, discutidas em MARQUES, M. (Org.). *Teorias da imagem na Antiguidade*. São Paulo: Paulus, 2012, coletânea dos textos das palestras apresentadas no III Simpósio de Filosofia Antiga, realizado em 2011, na UFMG.

¹⁴ ROSSETTI, L. The Rhetoric of Socrates. *Philosophy and Rhetoric*, v. 22, n. 4, p. 225-238, 1989, e HESK, J. *Deception and Democracy in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 (capítulo V, principalmente).

em paralelo com a que o filósofo tem de Eurípides (e de suas peças). Por fim, vemos Rafael Silva e Claudia Mársico refletirem sobre as imagens que comentadores podem criar (e até impor) sobre temas da Antiguidade; ele e ela nos alertam para o cuidado que os estudos envolvendo esses temas devem ter com relação ao seu método e aos pressupostos teóricos implícitos (ou não) nas escolhas¹⁵ das imagens com as quais trabalham em suas reconstruções das histórias da Filosofia e da Literatura.

Dessa maneira, poderíamos dizer que os textos do atual volume são uma expressão de como o trabalho com as imagens é incontornável para um estudioso da Antiguidade, de modo que o método e a reflexão sobre suas nuances são fundamentais não apenas para a compreensão do texto antigo, mas também para o próprio exercício de explorá-lo em debate acadêmico. Com efeito, se voltarmos à questão do paralelismo entre Sócrates e o sofista ou o retor em Platão, a imagem seria um meio pelo qual se dá a relação entre os dois, e a própria demarcação entre o que é a filosofia e o que não é (sendo a não filosofia, aqui, identificada ora como retórica, ora como sofisticada, ora como ambas). Em outras palavras, Platão posiciona o sofista diante do filósofo como seu diferente e, na medida em que ele circunscreve o espaço do sofista às imagens (que são identificadas como o diferente do *ser*), o filósofo é consequentemente afastado deste espaço: é através do diferente, identificado nas imagens, que Platão distingue o sofista do filósofo. Desse modo, podemos notar, aqui, como vários estudiosos exploram as diferenças que as imagens produzem, de modo a buscar nessas diferenças um horizonte para compreender aspectos da Antiguidade Clássica (e de sua reverberação).

Por fim, temos o comovente e generoso posfácio do atual presidente da International Society for Socratic Studies (ISSS), professor Gabriel Danzig, autor do seminal *Apologizing for Socrates: How Plato and Xenophon Created Our Socrates* (Lanham, MD: Lexington Books, 2010), fundamental na bibliografia dos cursos de História da Filosofia Antiga. Contar, neste dossiê, com suas considerações, fundadas em tão sólida e diversificada experiência, sobre as perspectivas para os estudos

¹⁵ Aqui, novamente, nos reportamos a Rossetti (veja nota 12 *supra*) e à sua cuidadosa advertência sobre as escolhas e pressupostos de nossas abordagens historiográficas.

socráticos no contexto de uma nova Sociedade é um privilégio pelo qual somos muito agradecidas.¹⁶

À guisa de conclusão: tradições pedagógicas e perspectivas

Como dissemos, seguindo o espírito interdisciplinar do simpósio, este dossiê traz a contribuição de pesquisadores das áreas de Literatura, Filosofia, História e Arqueologia, a fim de preencher os hiatos que a estrutura universitária e a demarcação disciplinar nos impõem, por meio de uma especialização cada vez maior – necessária, não discordamos –, mas que, no caso de temas como este, pode comprometer nosso entendimento da interpretação dos autores e/ou obras aqui abordados. Desse modo, os encontros e as publicações desta natureza contribuem para tornar mais efetivas as pesquisas sobre temas da Antiguidade que possam, em conjunto e em diálogo interdisciplinar, colaborar para a melhor compreensão de problemas e conceitos desse período e para o avanço do nosso conhecimento sobre a interação entre os filósofos e dramaturgos aqui reunidos¹⁷ (bem como sua recepção na contemporaneidade). Reportando-nos ao comentário de Ana Beltrametti, em sua intervenção sobre a obra de Diego Lanza, leitor arguto desta tradição e da contemporaneidade (veja artigo sobre Wolf, citado no artigo de Rafael Silva, neste dossiê), lembramos que certas discussões e certos textos, mais do que fechar um tema, abrem novas perspectivas para abordá-lo. Esse é o espírito deste dossiê.¹⁸

¹⁶ Danzig é, ainda, organizador, com James Redfield, do promissor Grupo de Pesquisa *Triangulating Towards Socrates* (<<https://iiias.huji.ac.il/triangulating-towards-socrates-socratic-circle-and-its-aftermath>>).

¹⁷ Lembramos, aqui, a publicação recente, muito bem-sucedida no aprofundamento de tais questões, e com instigante foco na metáfora em seu aspecto ontológico: Pfefferkorn; Spinelli, A. (Eds.) *Platonic Mimesis Revisited*. Baden-Baden: Academia Verlag, 2021. Dos vários e instigantes artigos ali reunidos, destacamos o de Andrea Capra (“*Imitatio Socratis* from the Theatre of Dionysus to Plato’s Academy”, p. 63-80), que analisa o *Banquete* a partir das *Bacantes* e das *Rãs* como “a post-theatrical mimetic enterprise that combines Socratic and Dionysian iconography”.

¹⁸ Veja BELTRAMETTI, A. Philologue et spectateur. In: SAETTA, R.; ROUSSEAU, P. (Eds.). *Diego Lanza, lecteur des œuvres de l’Antiquité*: Poésie, philosophie, histoire de la philologie [en ligne]. Villeneuve d’Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2013.

Vale notar que os hiatos supramencionados não parecem ser algo que exista por necessidade e que não possa ser minimizado, mesmo institucionalmente. Os professores ligados aos estudos da Antiguidade, na UFMG, sempre valorizaram essa interação mais estreita, tentando reduzir os efeitos da departamentalização institucional, às vezes tão danosos para áreas de natureza interdisciplinar, como os estudos da Antiguidade Clássica grega. Graças à visão de Marcelo Marques (Filosofia, *in memoriam*) e Jacyntho Brandão (Letras Clássicas, hoje professor emérito e aposentado), foi organizada, de maneira instigante e cooperativa, a interação formal dos cursos de Letras e Filosofia, com a criação da disciplina (obrigatória no primeiro período para estudantes de Filosofia) “Fundamentos de Literatura Grega”, oferecida por colegas da FALE/UFMG, e do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM). Devemos deixar expressa nossa homenagem neste dossiê, em forma de dedicatória que se faz aos dois mestres, sinal penhorado de gratidão pela vida acadêmica exemplar em defesa da universidade pública e dos estudos da Antiguidade Clássica nela inseridos.

Com essas informações e considerações, terminamos esta introdução com nosso agradecimento aos autores, aos pareceristas anônimos, à Tatiana Chanoca, pela revisão dos textos em português, a Jim Marks pela revisão dos resumos em inglês e, naturalmente, a Bernardo Brandão, editor chefe da *Nuntius Antiquus*, pelo convite para publicar este volume temático. Por fim, nossos votos de uma leitura instigante e proveitosa.

As organizadoras